



ciência desenvolvimento sociedade
**XXVI SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

20 a 24 de outubro - Campus do Vale - UFRGS



Evento	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre
Título	A Política Externa da Etiópia
Autor	LIVI GERBASE
Orientador	PAULO GILBERTO F VISENTINI

O Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais e o Centro de Brasileiro de Estudos Africanos, ambos vinculados à UFRGS, após pesquisar as potências extracontinentais na África, pesquisa que teve como resultado a publicação do livro “África e as Potências Emergentes”, agora tem como objetivo adentrar o continente para compreender as relações entre os Estados africanos, a partir de uma pesquisa intitulada “Formação e desenvolvimento do sistema interafricano de relações internacionais (1957-2015)”. Na primeira parte da pesquisa, que compreende o ano de 2014, o foco são as políticas externas dos países africanos no período supracitado. A partir da definição do posicionamento de cada país em relação a outros países africanos, será possível elaborar uma rede de relações interafricanas e relacioná-las aos processos de integração na África e ao próprio Sistema Internacional.

O estudo de caso de apresentação no Salão de Iniciação Científica será a Política Externa da Etiópia. Para isso, a metodologia utilizada será a revisão bibliográfica da história da política externa do país e, para a análise do presente, a leitura de notícias e artigos e a coleta de dados (visitas de chefes de governo de Estado, acordos e tratados, embaixadas e consulados, iniciativas regionais e relações bilaterais). A pesquisa parte do pressuposto teórico da Análise de Política Externa, ramo das Relações Internacionais que afirma que é necessário analisar fatores de política interna na hora de avaliarmos política externa; a pesquisa, logo, é dividida em três condicionantes de política externa: estruturais-históricos, internos e externos.

Em relação aos resultados obtidos até o momento, a análise da política externa da Etiópia mostrou que existe uma continuidade histórica da política externa do país devido ao seu passado único na África: junto com a Libéria, é o único país que não passou pelo processo de colonização durante o século XIX, se mantendo como um Estado centralizado, independente e cristão desde o século II, o que causou hostilidade entre a Etiópia e seus vizinhos muçulmanos. Durante a colonização, o país expandiu suas fronteiras e negociou com as potências imperiais. Com a breve ocupação Etiópia pela Itália entre 1936-41, a luta contra o invasor fortaleceu a Etiópia como um exemplo africano de resistência. Esse foi um dos motivos do estabelecimento da Organização da Unidade Africana em Adis Abeba, capital do país, e da liderança etíope nesse processo de integração. Outro padrão de política externa se estabelece, porém, com a Guerra Fria. Era proveitoso para o país se utilizar de sua posição estratégica no Chifre da África para barganhar entre as duas superpotências, EUA e URSS. No final da Segunda Guerra Mundial, a escolha do governo central foi os EUA, que o ajudara na ONU a manter a Eritreia em seu território. Com a Revolução Etíope, a ascensão ao poder do regime marxista Derg e a Guerra com a Somália, houve um realinhamento – a URSS passou para o seu lado, enquanto os EUA apoiaram Somália. Essa aliança com a URSS se manteve até a queda do Derg em 1991 e forneceu grandes quantidades de material bélico à Etiópia, necessárias para combater as resistências internas ao regime. No período pós 1991 até hoje, a Frente Democrática Revolucionária Popular da Etiópia comanda o país e apresenta uma política externa diferente de seus antecessores marxistas. Com a independência da Eritreia em 1993, a relação entre os dois países se estabilizou, ainda que ocorrera uma guerra fronteiriça entre 1998 e 2000. Atualmente, o país aspira o papel de liderança regional no Chifre da África, coordenando os processos de integração e desafiando os objetivos egípcios regionais a partir da construção, ainda em andamento, de uma hidroelétrica que pode diminuir os fluxos hídricos naturais do Rio Nilo. Dessa forma, traça um novo caminho de política externa, ainda que resgate a ideia de liderança, independência e autonomia que foi sua marca durante maior parte de sua história.